

MÚMIAS E FÓSSEIS

Certamente não ficaram muito surpresos os trabalhadores que instalavam tubulação de gás em bairro ao norte de Lima, Capital do Peru, quando descobriram, cavando a terra antes coberta por asfalto, uma tumba de cerca de mil anos de um menino da cultura pré-hispânica. É que, naquela cidade peruana, já foram registrados mais de quinhentos achados arqueológicos, número esse que é pouco menos de um quarto do que foi encontrado em todo o país. Trata-se, portanto, de zona rica em vestígios de populações passadas, cujo estudo abre-nos caminho para conhecimento mais profundo da emocionante história da humanidade.

O arqueólogo - no Peru é obrigatória a contratação de um desses profissionais sempre que se fazem escavações - constatou que o corpo do menino estava na posição sentada, com braços e pernas flexionados e amarrados possivelmente com cordinhas. Ao lado, diversos objetos de cerâmica, alguns ilustrados com figuras geométricas e de pescadores, tudo o que levou o paleontólogo a concluir tratar-se de manifestação da cultura pré-incaica Chancay.

A interessante conclusão a que chego - e que de forma alguma é original - é que, crendo na sobrevivência da alma, acreditavam também que ela podia valer-se dos objetos materiais colocados na tumba. Da mesma forma assim pensavam os egípcios pré-históricos ao proverem os sarcófagos com muitas coisas utilizadas no dia-a-dia.

Meu interesse pela pré-história da humanidade, contudo, não se esgota no estudo das múmias encontradas em diversos países do mundo, focando-se também em fósseis e gravações rupestres.

Nem uma semana após ler sobre o menino-múmia peruano, tomei conhecimento também de que foi achado fóssil de tartaruga gigante na Amazônia, de cerca de 10 milhões de anos. E também li, alguns meses antes, sobre o encontro de pinturas rupestres em parque do Itatiaia, Estado do Rio de Janeiro.

O fóssil de carapaça de tartaruga de água doce, encontrado no Acre, região de Boca dos Patos, era de tamanho suficiente para se calcular que a envergadura do animal chegava a 1,70 metro de largura e 3,00 metros de comprimento. O que surpreendeu os pesquisadores foi o tamanho desse fóssil,

uma vez que são encontrados, nos barrancos e margens dos rios da região, restos fósseis muito fragmentados, cuja leitura não permite maiores conclusões. Igualmente ficaram surpresos em como as mudanças climáticas, no correr do séculos, provocaram a extinção ou a transformação de muitas espécies de seres vivos. Outro achado fóssil não propriamente igual, mas também surpreendente, ocorreu em fins do século XX, ainda na Amazônia: um crânio inteiro de jacaré gigante, o maior desses répteis que já existiu. Fico imaginando se o formidável jacaré de papo amarelo dos tempos atuais, muito maior do que os numerosos “caimãs” hoje existentes no Pantanal, não seria seu parente mais próximo.

Quanto às pinturas rupestres, ou seja, gravadas na pedra, descobertas no Parque Nacional do Itatiaia, surpreendeu os pesquisadores tanto quanto a descoberta do fóssil de tartaruga gigante. A maioria dos desenhos gravados na rocha são de figuras geométricas, mas há também um grafismo zoomórfico que lembra a figura de um lagarto, tudo em tons de amarelo e vermelho. Estão a aproximadamente 2.350 metros de altitude e ainda não podem ser visitados pelo público. Batizado de Sítio Arqueológico Agulhas Negras, que é, como unidade de conservação federal, administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), têm semelhança com outras pinturas rupestres encontradas no baixo e médio São Francisco. Não é possível ainda determinar sua idade, mas se pode concluir que era intensa a movimentação dos indígenas antes da chegada dos europeus ao continente. Em outros sítios arqueológicos da região, que não de pinturas rupestres, estudos de datação revelaram idade de mais de três mil anos. Esperemos que em breve o Sítio Arqueológico Agulhas Negras seja aberto à visitação pública.

Tanto quanto eu mesmo, meu amigo Erasmo também se encanta com as descobertas arqueológicas. “Conhecer como viveram as populações pré-históricas e como ainda vivem os aborígenes, e compará-las com os povos ditos modernos e civilizados, permite-nos pensar se a humanidade evoluiu, do ponto de vista moral, tanto quanto do ponto de vista material. Acho que não temos muito o que comemorar”.

Vocês concordam com Erasmo, caros leitores e estimadas leitoras? É isso mesmo, a humanidade ainda tem muito que evoluir?

Viganó
darly.vigano@gmail.com